



RESENHA:

SCHMIDT, Lawrence K. *Hermenêutica*. Trad. Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2013. 261p.

A hermenêutica filosófica de Schleiermacher a Gadamer

ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS*

Cada vez mais a hermenêutica filosófica ganha terreno no pensamento contemporâneo, em especial no brasileiro. Isso em parte se explica pelo fato de, nos últimos anos, títulos referenciais sobre o tema virem sendo editados, o que emula novas pesquisas na área. Tais empreendimentos franqueiam, cada vez mais, a envergadura e as potencialidades desse método.

Restrita, até relativo pouco tempo, a um uso tímido junto às disciplinas jurídicas ou a serviço da exegese bíblica (sequer mencionemos sua insipiência nas letras), não seria incorreto dizer que, em nosso país, a hermenêutica começou a ganhar expressão depois que filósofos como Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer se tornaram mais frequentemente estudados. Hoje, por um lado, se estão disponíveis trabalhos especializados em hermenêutica no cenário acadêmico luso-brasileiro, é preciso indiciar, por outro, que não são exatamente muitos os títulos concebidos com o propósito de uma introdução a essa matéria; em especial, que ofereçam uma noção dos fundamentos filosóficos da hermenêutica e uma visão histórica do modo com que se dispõem seus principais articulistas.

Escrito por Lawrence K. Schmidt (professor de filosofia do Hendrix

College, Conway Arkansas, Reino Unido), *Understanding hermeneutics* – que foi publicado pelo selo editorial da Vozes em 2013 sob o título de *Hermenêutica* – se propõe a ser uma introdução nos moldes acima.

Dividido em sete capítulos, o livro foi pensado de modo a apresentar enfaticamente quatro hermenêutas: Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer. Esta delimitação temática, no entanto, não impede notas sobre os primórdios da hermenêutica com Johann Dannhauer, Martin Lutero, Friedrich v. Schlegel e Friedrich Ast.

Já na introdução, o leitor encontra uma exposição da hermenêutica. Esta indaga sobre como aquela constituiria uma teoria do interpretar. Uma problematização do modo com que a hermenêutica é apropriada por cada um dos mencionados pensadores também é dada ali, tornando possível uma primeira apresentação dos princípios da hermenêutica a serem aprofundados nos capítulos seguintes.

O Primeiro Capítulo, “A hermenêutica universal de Schleiermacher” (p. 25-49), nomeia o propósito deste tópico: indicar como esse precursor da hermenêutica filosófica teria elaborado a síntese de todas as hermenêuticas precedentes (da jurídica, da bíblica e da filológica). Inicialmente tratada como uma “arte da

compreensão”, o comentador se esforça por apresentar a hermenêutica schleiermachiana como a que pretende compreender a expressão oral ou escrita por meio de um procedimento misto de análise gramatical e psicológica. Um detalhamento desses dois modos de interpretar é ali oferecido, além da apresentação de estruturas que viabilizam a interpretação, é o caso do chamado “círculo hermenêutico”. Tal noção nos indica que, em qualquer interpretação, sempre partimos de uma compreensão parcial do interpretado, para, só então, alçarmos seu todo; do mesmo modo, uma plena compreensão das partes dependeria da interpretação do todo.

O Segundo Capítulo trata de “A compreensão hermenêutica de Dilthey” (p. 50-77). Neste, o comentarista enfatiza que o pensamento de Dilthey tem por principal escopo o projeto filosófico de fundamentação das ciências humanas (*Geisteswissenschaften*), e que, portanto, a hermenêutica diltheyana exerceria função predominantemente metodológica no interior deste programa. Fica patente, assim, que Dilthey é um intérprete de Schleiermacher, endossando muitas de suas posições em seu esforço por compreender de modo objetivamente válido as referidas ciências.

Entre as contribuições diltheyanas para a hermenêutica das ciências humanas, o trabalho enfatiza a distinção já clássica entre compreensão (*Verstehen*) e explicação (*Erklären*). Com essa, Dilthey pretende diferenciar a maneira de atuar das ciências embasadas no solo das vivências humanas da atuação das ciências empíricas, que abstraem seus objetos do contexto natural que lhes é próprio para consecutiva análise. Tal terminologia constitui um refinamento da hermenêutica em sua lida.

Dois são dos capítulos dedicados a Heidegger no livro em apreço: “A ontologia hermenêutica de Heidegger” (p. 78-119) e “A hermenêutica no segundo Heidegger” (p. 120-139). No primeiro desses dois (que corresponde ao Terceiro Capítulo da obra), o comentador, esboça o quanto a formação desse filósofo esteve, desde o início, tocada pela hermenêutica clássica. Antes mesmo de mencionar a fenomenologia hermenêutica de *Ser e tempo* (principal obra de Heidegger), Schmidt alude cursos nos quais o filósofo credita importância a esta matéria, é o caso da preleção *A ideia de filosofia e o problema da visão de mundo*, de 1919 e *Ontologia – Hermenêutica da facticidade*, de 1923. O saldo simplificado desse tópico é a definição dos papéis da hermenêutica e da fenomenologia na ontologia fundamental heideggeriana, nesta: “a descrição é fenomenológica, a análise é hermenêutica” (p.20).

O outro tópico sobre o referido filósofo (Quarto Capítulo) se ocupa do lugar da hermenêutica na obra tardia de Heidegger. Embora neste o leitor encontre especulações sobre o suposto fracasso do projeto filosófico de *Ser e tempo*; alguma problematização dos motivos da “viragem hermenêutica” (*Kehre*) deste pensamento, e a pergunta sobre se Heidegger teria ou não descartado a hermenêutica em seu pensamento maduro, o ponto alto deste capítulo é apresentação da hermética filosofia do assim chamado “segundo Heidegger”. Ainda que não fosse o propósito do comentador, o leitor encontra ali uma apresentação satisfatória da filosofia do “acontecimento apropriativo” (*Ereignis*). Esta enseja os desdobramentos de tal filosofia no âmbito da linguagem e da poesia, além de criar condições para se compreender os capítulos subsequentes.

Bem como Heidegger, o próximo filósofo é abordado em dois novos capítulos, são eles: “A teoria da experiência hermenêutica de Gadamer” (p. 140-166) e “O giro ontológico de Gadamer para a linguagem” (p. 167-188). Entre outras coisas, estes tópicos ensinam que, para o filósofo em pauta, compreender pressupõe o diálogo entre aquele que indaga e quem responde, o que faz com que o diálogo constitua, por excelência, o traço de linguagem mais próprio à hermenêutica. Assim, lembrando Schleiermacher e Dilthey, a hermenêutica gadameriana prescreve um deslocamento compreensivo ao lugar do outro, exercício que exige a habilidade de modificar nossas próprias experiências para experimentarmos o significado de um objeto comum levando em conta as vivências do outro. Um dos pontos da leitura gadameriana da hermenêutica, é o fato de o filósofo pressupor que qualquer interpretação conta sempre com *posições, visões e conceptualidades prévias* que o leitor já traz consigo na hora de ir interpretativamente ao horizonte do texto. Para Gadamer, essas estruturas prévias seriam componentes indispensáveis à fusão de horizontes da qual toda interpretação resulta.

Em estreita conexão com os anteriores, o Sétimo Capítulo remata a parte teórica do livro ao arrolar aquilo que seu autor chamou de “Controvérsias hermenêuticas” (p. 189-242). No presente tópico, o leitor poderá conhecer a posição de críticos e opositores da hermenêutica, como é o caso de E. D. Hirsch Jr., para quem a validade da interpretação só pode ser válida com o auxílio da filologia tradicional; de Paul Ricoeur, que indica que apenas parte das premissas de Gadamer estaria correta, dependendo ainda de uma metodologia que não as expusesse ao relativismo; de Jürgen Habermas, que, estimando o

poder do pensamento racional, recusa-se a acatar as estruturas prévias da compreensão por julgá-las preconceitos evitáveis; por fim, Derrida, que acusa a hermenêutica de Heidegger e de Gadamer de conservar resíduos metafísicos em sua compreensão de linguagem. Essas vozes, embora dissonantes, acabam por colaborar com a tentativa do livro de delimitar o lugar da hermenêutica no cenário do pensamento atual.

Com o propósito de tornar acessível e interessante seus conteúdos (preocupação que é própria Coleção Pensamento Moderno, a qual pertence), *Hermenêutica*, de Lawrence Schmidt, traz componentes didáticos que ajudam na aprendizagem de seus temas e na fixação dos conceitos. Dispõe, assim, no início de cada capítulo, de uma cronologia de vida e obra do autor tratado; de *boxes* que acrescentam esclarecimentos e subsídios à compreensão; de *sumários dos pontos-chave* ao término de cada capítulo, indicando que pontos o leitor deve guardar atenção; e, ao fim do volume, um tópico de *Perguntas para discussão e revisão*, resumo esquemático dos capítulos.

Recebido em 2015-04-03

Publicado em 2015-05-



* **ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS** é Professor do Mestrado e Doutorado em *Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE*. Doutor em Filosofia pela *Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ*. <http://lattes.cnpq.br/1160022857910767>